

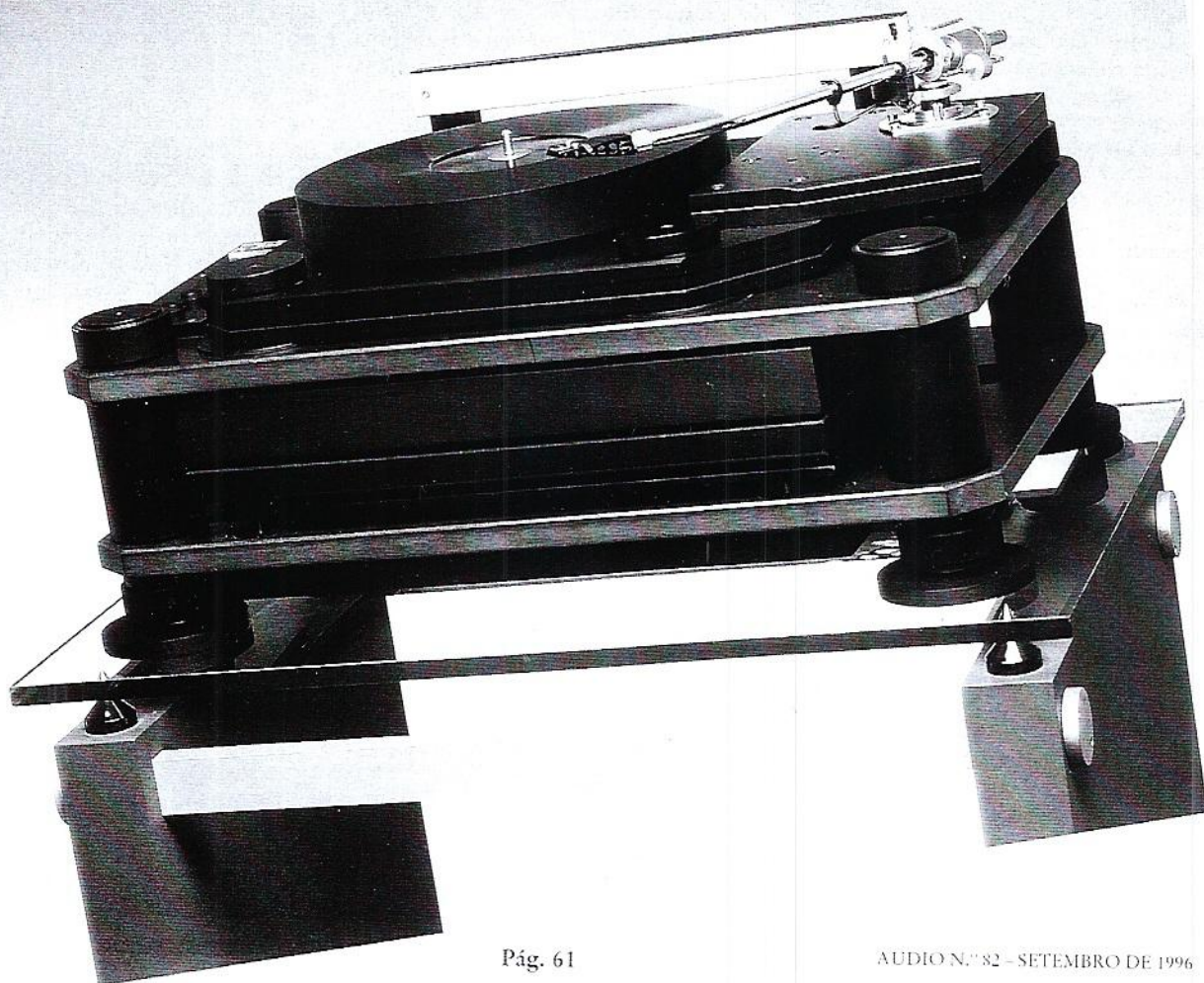
Jorge Gonçalves

CERTAMENTE e que muitos dos leitores habituais da *Audio* deverão estar lembrados de uma das salas do quinto andar do Audioshow 95, sala essa onde tocava, acompanhado por electrónica Conrad-Johnson, ligada a umas colunas estranhíssimas, uma máquina fabulosa do ponto de vista mecânico e de *design*, um giradiscos identificado por pouco mais que a sigla RSB. Pois o Rui Borges, o

autor desse projecto, conseguiu manter a coragem com que iniciou a sua presença no campo dos fabricantes de alta fidelidade e passou aos finalmente, tendo agora disponível no mercado, em termos definitivos, o giradiscos RSB Reference. É novamente um acto de coragem, como disse quando

do teste do prévio da Audioelite (ao José Ramos e aos que deram pela gralha do título desse teste ficam aqui desde já as minhas desculpas. São coisas que não deveriam acontecer mas acontecem.), mais ainda quando se

GIRA-DISCOS RSB REFERENCE



Gira-discos RSB Reference

Rui Borges

Para este resumo, basta-nos salientar algumas opções de projecto.

Em minha opinião são mais fáceis de contornar os problemas de *feedback* acústico e vibrações causadas pelas células do que os criados por impactes directos.

O acoplamento inercial é sem dúvida mais dispendioso, em face dos materiais e massas exigidas na sua implementação.

O gira-discos é formado por duas placas de ardósia interligadas por quatro cilindros de latão maciço, formando um bloco onde se encontram rigidamente acoplados o motor e todo o sistema electrónico.

Na ardósia inferior trabalha uma estrutura em alumínio com *spikes* que suporta um vidro, no qual assenta uma mesa em *medite*, gesso, alumínio e silicone. Esta mesa tem por função o desacoplamento do *châssis* da estrutura de alumínio e vidro, recorrendo a um sistema de triângulos opostos. Desta forma pode-se adquirir um certo grau de liberdade, o que em si define uma suspensão determinada.

O prato é laminado e de acrílico, visto que este material assume um comportamento mecânico muito próximo do vinilo, assegurando uma terminação correcta. Esta solução é empregue por inúmeros fabricantes. O peso do prato em si e a respectiva distribuição de massas conferem uma grande inércia, reduzindo a possibilidade de flutuações de velocidade.

O gira-discos é apoiado em quatro pés ajustáveis, situados no alinhamento dos cilindros de latão, facilitando o nivelamento da estrutura e a regulação da pressão de apoio. Simultaneamente, é permitido, por meio de pequenos ajustes, a afinação tímbrica do conjunto *châssis* /braço/célula.

A conjugação e a disposição dos materiais utilizados estabelece um equilíbrio estático e cinemático, a fim de se obterem bons resultados do ponto de vista dinâmico e de silêncio, este último entendido na sua forma mais rigorosa, e não só na óbvia ausência de ruído.

Até que ponto os objectivos determinados foram atingidos, não me compete a mim julgar neste pequeno texto. Para isso, existe o teste na *Audio* e o juízo que cada um entender por bem fazer, no momento em que travarem conhecimentos com este gira-discos.

trata de um tipo de equipamento que hoje em dia tem, necessariamente, um consumo limitado. Mas o Rui não se preocupou com esse aspecto mais ou menos consumista e, muito para além disso, pretendeu pura e simplesmente colocar à disposição dos audiófilos portugueses um gira-discos que pudesse retirar dos discos de vinilo o máximo possível de informação sem que essa informação fosse adulterada por aspectos menos marcantes para a reprodução musical.

Allegro ma non troppo

Testar um equipamento de fabrico nacional, como é o caso do gira-discos em causa, coloca sobre o crítico que procede a esse teste uma forte carga de responsabilidade, já que é como se tivesse de colocar em contraponto a honra e o prestígio do País contra as capacidades de produtos estrangeiros do mesmo tipo. Pelo menos é assim que críticos de países eivados de uma forte dose de nacionalismo, que chega muitas vezes a roçar o chauvinismo, colocam a situação. Felizmente, no caso vertente, nada disto está em jogo, já que, por um lado, eu sou totalmente contra estes excessos de nacionalismo, que prejudicam e podem mesmo pôr em causa a isenção da análise, enquanto, por outro, o fabricante do gira-discos, o Rui Borges, é uma das pessoas mais genuinamente afáveis e de trato fácil que conheço. Deste modo fica imediatamente de lado qualquer tipo de preconceitos ou ideias pré-fixadas que condicionem o rigor final do teste. Assim, mais uma vez, posso desde já deixar bem vincado que foi um prazer testar este gira-discos RSB, começando pela enorme disponibilidade manifestada pelo Rui Borges para me ir montar o gira-discos a casa, e acabando pelo facto de ter sido ele próprio a ir colocá-lo no estúdio fotográfico que fixou a sua imagem para a posteridade.

Esta disposição de espírito continuou patente no facto de o próprio Rui, a meu pedido, ter escrito uma breve descrição da constituição e funcionamento do seu gira-discos. Este

pedido teve origem no facto de eu considerar que, em face da complexidade construtiva e da diversidade de materiais e soluções técnicas postas em jogo, nada melhor que o criador do equipamento para descrever aquilo que ele considera mais importante para a obtenção de um dado resultado final.

De qualquer modo, e independentemente do que o Rui Borges for escrever, fica aqui desde já a ideia de que a construção do gira-discos RSB Reference é extremamente elaborada, recorrendo a uma mistura complexa de materiais, desde o acrílico ao xisto, passando pelo gesso e pelo chumbo, que resulta numa estrutura múltipla de *châssis* com diversos tipos de apoio, os quais possibilitam que o disco rode no prato sem ser sujeito a praticamente quase nenhum tipo de vibração estranha. A placa de suporte do braço (*armboard*) é fabricada a partir de um laminado de acrílico e pode ser fornecida previamente furada para qualquer tipo de braço. No meu caso, e por uma questão de facilidade de definição da metodologia de teste (tendo em conta que eu tenho um SME V montado no Basis há um bom par de anos) optei por pedir ao Rui que me enviasse a placa de fixação do braço com uma furação SME normalizada (o famoso furo elipsoidal). A cabeça que utilizei para o teste foi a Audioquest 7000 Fe5, novamente devido ao facto de ser este o transdutor que uso no meu sistema há mais tempo. Embora tal facto seja desnecessário e embora isso não altere em nada o resultado final do teste que aqui está patente, não quero deixar de explicitar mais uma vez que estas são apenas algumas das combinações possíveis em termos de braço e cabeça de leitura. Os leitores poderão extrapolar os resultados que mais à frente explicito para outras combinações, até porque a finalidade principal do teste é analisar o gira-discos e, embora isso passe pela aferição da sua menor ou maior compatibilidade com equipamentos acessórios, nomeadamente braço e cabeça de leitura, o que eu pretendo é que o teste ilustre o desempenho do gira-discos, com a maior isenção possível em termos dos equipamentos

RSB

auxiliares, nos quais, em última análise, também posso incluir o resto do sistema, já que o resultado final, do ponto de vista sónico, depende sempre das combinações utilizadas num dado sistema. Mas ficamos por aqui, até porque eu tenho a certeza de que os meus leitores habituais já conhecem estes trâmites em profundidade e esperam que eu tenha a capacidade de separar umas coisas das outras e resumir os resultados finais em termos exclusivamente referentes ao produto em teste, até porque, se tal não acontecesse, há muito que teriam deixado de ler o que eu escrevo.

Allegro al tempo giusto

Depois de efectuada a montagem e afinação final do gira-discos, colocado sobre uma mesa de MDF igualmente desenhada e construída pelo Rui Borges, fase esta que se alongou um pouco mais que o necessário (na minha opinião) devido ao perfeccionismo extremo do Rui Borges, pude então passar àquela fase a que o Carlos Ribeiro chama, por graça, «fogo à peça». Neste caso resumiu-se, nos primeiros dois a três dias, a ter o prato a rodar em vazio, sem proceder a qualquer tipo de audição, já que o óleo de lubrificação do veio só é aplicado quando da montagem em casa do utilizador do gira-discos e necessita de estabilizar.

Conseguida esta estabilização mecânica, pode então começar a ouvir música, utilizando como equipamento complementar o meu sistema habitual: prévio de construção caseira, amplificadores Mark Levinson 27.5 e Proceed Amp 2, colunas Quad 63 com *subwoofer* Gradient. O cabo de ligação ao braço continuou a ser o que antes utilizava, o Audioquest Lapis. Com muita pena minha, não pude utilizar a unidade de *phono* Prefix, da Naim, já que a dimensão da ficha de ligação ao braço fornecida com esta tornou impossível a sua ligação ao braço no espaço disponível. Em termos futuros, e em face deste minha experiência, o Rui já alterou as dimensões do *armboard* de maneira a que ele possa aceitar praticamente todo o tipo de fichas de ligação.

O que surpreende desde logo no gira-discos RSB Reference é a sua

capacidade de ir buscar pormenores ao fundo dos discos. Tem uma capacidade de análise, uma atenção aos mais ínfimos pormenores, que causam espanto logo nas primeiras audições. O som é pormenorizado, minucioso, quase como que uma jóia de filigrana que é construída pelo artesão ali na nossa frente, voltinha a voltinha no fio fino, possibilitando-nos a faculdade de atingirmos o todo da estrutura, tendo anteriormente acompanhado passo a passo o modo como foi executada.

Mas não é defeito, é feito, o que, apesar de tudo, justifica a recomendação de algum cuidado com os discos maus. É que o RSB revela tudo, mas mesmo tudo. É um Sherlock Holmes que nem precisa do dr. Watson. Vai até ao fundo das coisas, não se contenta só com o aspecto exterior, só com a cobertura do bolo. O miolo é que conta!

Com discos de boa qualidade (de gravação), com os timbres correctos, «audiófilos» ou não, soa esplendoroso pela quase absoluta ausência de coloração, pela precisão tímbrica com que escarpeliza cada som.

Acho que posso dizer, sem errar muito, que não é um gira-discos para toda a gente. Os fervorosos adeptos do som analógico convencional, que gostam da gama média mais redonda (colorida, como lhe chamarão outros) não irão ser grandes fãs do RSB Reference. Mas quem aprecia a transparência máxima (poder olhar e ver tudo, desde o Marão até à Estrela, ou a superfície da Lua sem telescópio), a fineza do recorte dos sons mais delicados, ficará deslumbrado com o som que sai do RSB, com a veracidade absoluta da sua reprodução.

De certo modo, com já disse num editorial há largos anos, um equipamento reflecte a personalidade de quem o construiu, e o gira-discos RSB Reference, por estranho que possa parecer à primeira vista para quem conhece menos bem o Rui Borges, o seu construtor, não é excepção a essa regra. Afável e simples, incapaz de ofender alguém, o Rui é uma excelente pessoa que vive como que num mundo diferente, descendo de vez em quando até nós para nos brindar com maravilhas como este gira-discos. Mas, por outro lado, o Rui Borges possui uma mente extremamente minuciosa,

que se preocupa com os mínimos detalhes das coisas e só está satisfeito com a perfeição. Foi esse mesmo espírito, o da pesquisa absoluta das causas ínfimas das coisas, mesmo daquelas que poderiam parecer supérfluos às mentes menos imbuídas dessa filosofia, que o Rui transportou para este fruto do seu trabalho, para esta verdadeira ferramenta de pesquisa musical, um intrépido bandeirante que percorre os minúsculos trilhos dos discos de vinilo para desvendar a informação neles contida, mesmo aquela que parece ser mais secreta. Daqui resulta uma excelente capacidade em termos de reprodução de instrumentos como o cravo ou a viola (como eu pude ouvir no fabuloso disco, uma das minhas referências máximas de sempre, da Klavier, de música italiana para alaúde, guitarra barroca, órgão e cravo), bem como na ambiência do LP *Yellow Dog Blues*, que eu tenho em versão original, mas foi repressado pela Analogue Productions. Este último LP foi gravado a partir das interpretações do quarteto de Don Ewell num pequeno clube de jazz e é possível escutar na reprodução pormenores que nos dão uma ideia relativamente precisa quer da localização de cada um dos executantes, quer ainda das dimensões da sala ou ainda da presença do público (uma ambiência natural, não forçada, e como tal muito agradável). Se algum aspecto posso criticar no RSB Reference é em termos daquela liberdade máxima, na segurança absoluta, nos silêncios entre instrumentos e entre as notas de cada instrumento a que me habituei com o Basis. No entanto, tenho algum pejo em avançar demasiado por este campo já que, reconheço, estou a colocar a fasquia demasiado alta para o gira-discos RSB, já que estou a compará-lo com outro que custaria mais de três vezes o seu preço! Na faixa de preços do RSB Reference aquilo que ele faz muito bem. Eu é que estou a ser um nadinha exigente.

Mas não é apenas nos pequenos detalhes que o gira-discos RSB Reference brilha. As grandes orquestras são apresentadas com a imponência que merecem, quer em termos de imagem espacial, quer no que se refere à gama dinâmica correspondente a cada interpretação. Não me vou pôr aqui a citar exemplos *ad eternum*, mas

casos como os discos com a *Carmen* de Bizet (e o *Fausto* do outro lado), bem como o *Festival*, com a Chicago Symphony Orchestra, ambos da Classic Recordings, as *Danças Sinfónicas*, de Rachmaminoff, da Athena, ou ainda um disco de demonstração relançado recentemente pela Analogue Productions, com o título *Sounds Unheard Off*. Neste último disco existe um conjunto de faixas exclusivamente com percussão (misturando o flamenco, com castanholas e tudo, com jazz e música ligeira) que permitem apreciar as capacidades dinâmicas de um gira-discos. Tendo em conta que o conjunto Basis/SME V/Audioquest Fe5 manifesta capacidades insofismáveis neste capítulo, foi para mim interessante tentar descobrir até que ponto a única variável neste caso, o gira-discos RSB, se comportava quando a música exigia mais em termos energéticos. Logo na primeira faixa, que utiliza de vez em quando uns tambores imponentes, ditos como sendo de uma orquestra clássica) o RSB Reference mostrou que não estava ali para dar abébias: passou das cordas para as castanholas e destas para os tambores com uma facilidade impressionante, sem tibiezas ou hesitações. Clareza e limpidez são com ele, mas quando é preciso força está lá, permitindo à Audioquest 7000 Fe5 mostrar mais uma vez que é senhora de um grave verdadeiramente portentoso. Com o RSB cheguei mesmo por vezes a duvidar que toda aquela torrente de sons que saía das colunas era produzida apenas por duas pessoas, Shelly Manne e Jack Marshall, tal era a avalancha de sons multicolores e multifacetados que chegava aos meus ouvidos. É evidente que teve de ser utilizado um verdadeiro arsenal de instrumentos, estrategicamente dispostos, para permitir a cada músico alternar entre eles, mas o resultado final é quase inacreditável em termos do vir-

tuosismo que exala de cada música interpretada. O contraponto das percussões com o instrumento principal torna-se por vezes naturalmente melódico, situação esta que não é fácil de distinguir a não ser que a fonte (o gira-discos, principalmente) seja o mais isenta possível de colorações, o que é o caso deste RSB.

O RSB Reference forma



O gira-discos RSB já tocou muito bem no AudioShow 95

um par quase ideal com o SME V, uma simbiose tão perfeita que dificilmente consigo conceber um parceiro tão equilibrado para ele. Quanto muito, concedo ir até ao SME IV mas nunca menos que isso, embora para quem principia, haja alternativas mais acessíveis. O problema é que, tendo em conta o estado actual do analógico, acho que não será uma opção correcta, a não ser que os imperativos financeiros a isso forçosamente obriguem, começar por um braço muito inferior aos dois citados para só mais tarde avançar para a combinação máxima. É que já não resta muito tempo para podermos apreciar o vinilo em toda sua glória e por isso, quanto mais cedo o pudermos fazer, melhor. Este é o meu conselho, embora, tal como outros conselhos, seja totalmente gratuito: quem quiser segue, quem não quiser faz como muito bem entender. Agora não me venham depois dizer que não os avisei!

É evidente que, apesar do seu magnífico aspecto, de uma construção al-

tamente cuidada quer em termos técnicos quer no que toca a acabamentos e de tudo o que de positivo foi dito até aqui, o gira-discos RSB Reference não deixa de apresentar zonas de comportamento (poucas, felizmente) onde poderiam ser feitas algumas melhorias.

Uma das características que se pode detectar no seu desempenho sónico é que a sua grande capacidade de recuperar pormenores pode por vezes

assemelhar-se como que a uma certa secura, melhor diria, utilizando uma palavra que parece que ficou famosa quando do teste do Roksan Xerxes - adstringência. Faz lembrar um pouco o clima do Nordeste Transmontano, tão fértil nas pedras de xisto (ardósia), que são usadas na construção do próprio gira-discos: seco no Verão, mas com uma ar puro e limpo que dá gosto respirar. Quase que se torna um crime dourar esta característica com ares condicionados, ou seja, modificar por meios artificiais uma situação

que tem tudo de natural. E isso o gira-discos RSB Reference não faz, limitando-se a mostrar a realidade tal como ela é, sem a colorir artificialmente. Se essa verdade/realidade por vezes é algo crua não é culpa dele.

Conclusão

Não há dúvida que fabricar em Portugal um instrumento de precisão mecânica, como é o caso de um gira-discos, com o nível de qualidade com o Rui Borges o fez no caso do gira-discos RSB Reference é um feito que se deve saudar. Em tempos de rescaldo pós-olimpismo poderemos mesmo dizer que é merecedor de uma medalha. E se esse instrumento de precisão soa tão bem como o faz este gira-discos, então já não sei que loas avançar. O Rui Borges está de parabéns, produziu um equipamento de